



VOLUNTARIADO, UMA MONTANHA DE TERNURA
DISCURSO NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO CONGRESSO
"GUIMARÃES, VOLUNTARIADO E SOLIDARIEDADE"
28 Novembro 2014 – Auditório Vila Flor – 16h30

Creio não ser difícil caracterizar a sociedade hodierna. Faço-o sublinhando dois macro aspectos que aglutinam outras realidades.

Por um lado, o **egoísmo** leva à solidão – como afirmou recentemente o Papa Francisco aos eurodeputados – e exprime-se num relativismo onde cada um se considera centro do mundo, capaz de interpretar a vida a seu belo prazer.

Por outro lado, a pressão do **consumismo** alia-se a um hedonismo onde importa ter tudo e experimentar o que o mundo pretende apresentar. Os critérios perdem-se e aposta-se na vida sem valores pensando que no ter coisas e dominar pessoas está a verdadeira felicidade.

Não é fácil um comportamento alternativo. Todos sentimos essa pressão e não temos capacidade para percorrer caminhos diferentes. A realidade é esta. Só que existem pessoas que já optaram por um paradigma diferente. Importa, por isso, reagir e acreditar que a felicidade profunda está noutra parte e noutras opções.

Na lógica da mentalidade actual, tornou-se vulgar considerar as pessoas como sujeitos de diversas necessidades, algumas alcançadas e conseguidas e muitas outras, quando não alcançadas, geradoras de grande infelicidade.

Aqui deve entrar a referência cristã. Não somos meras pessoas de necessidades. Somos pessoas de muitas possibilidades. Dentro de cada um existe um manancial de energias capaz de transformar o meio ambiente. Mais do que ter muitas coisas fomos criados para ser dom marcado pela generosidade e pela partilha de bens e de tempo. Pode parecer ser mais entusiasmante viver para ter, mas é mais humano viver para ser e dar.

Aqui nasce e encontra suporte o voluntariado cristão. A fé dá-lhe vida e ele exprime, como verdadeiro sinal, a mesma fé.

Na Igreja podemos distinguir dois tipos de voluntariado: o pastoral e o social. O primeiro como trabalho eclesial dentro das comunidades; o segundo como vivência individual ou organizada onde os variadíssimos talentos são colocados ao serviço do bem comum. É de desejar que cresçam estes dois tipos de voluntariado e que as comunidades continuem a organizar grupos de voluntariado que não se envergonhem



de agir em nome de Cristo e como expressão da Igreja. Talvez tenhamos, como Igreja, de nos organizar para estarmos ao serviço de todas as causas a partir da comunidade cristã.

Gostaria de terminar com duas pequenas citações do Papa Francisco.

“A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida ou um ornamento que posso por de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. Eu sou uma missão nesta terra e para isso estou neste mundo... Mas se uma pessoa coloca a tarefa de um lado e a vida privada do outro, tudo se torna cinzento e viverá continuamente à procura de reconhecimento ou defendendo as suas próprias exigências.” (EG 273).

Eu sou uma missão e não centro as atenções em mim mesmo nem exijo reconhecimentos. Isto não fará pensar muita gente? Nas associações ou nos serviços públicos deveríamos formular muitas vezes esta pergunta: o que procuro? A mim ou ao verdadeiro bem da comunidade?

Em tempo de caminhada para o Natal, acrescento outro pensamento do Papa. “Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura” (EG 286).

Não precisamos de grandes feitos para mudar o nosso mundo. Bastam uns pobres paninhos, desde que ergamos uma montanha de ternura. É este o meu desejo para este Natal.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*